

# Raimundo Pereira: em busca de uma comunicação popular

Cláudia Nonato

*Jornalista, doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP, pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) e editora executiva da revista Comunicação & Educação*

*E-mail: claudia.nonato@usp.br*

**Resumo:** O jornalista Raimundo Rodrigues Pereira é hoje reconhecido como um grande nome da imprensa nacional, devido à sua intensa atuação nos semanários *Opinião* (1972-1977) e *Movimento* (1975-1981), dois dos principais periódicos populares políticos que nasceram para combater a ditadura militar. Aos 73 anos de idade, quase 50 de profissão, ele continua na ativa, fazendo um jornalismo contra-hegemônico, investigativo e imparcial. No depoimento para *Comunicação & Educação*, ele fala sobre como é fazer jornalismo hoje, além de mostrar os caminhos percorridos desde a infância em Exu, em Pernambuco, passando pela militância na juventude, até chegar à revista *Retrato do Brasil*, um projeto que “busca uma comunicação popular para o Brasil”.

**Palavras-chave:** Raimundo Pereira; jornalista; *Opinião*; *Movimento*; *Retrato do Brasil*.

**Abstract:** The journalist Raimundo Rodrigues Pereira is known today as an important name in the Brazilian press, due to his intense work in the weekly papers *Opinião* (1972-1977) and *Movimento* (1975-1981), some of the most popular newspapers about politics created to combat the military dictatorship. At age 73 and with 50 years of work experience, he is still working and developing a counter-hegemonic, investigative and impartial journalism. In the interview for *Communication & Education*, he talks about how journalism is developed nowadays and also about his childhood in the city of Exu (in the state of Pernambuco), his activism when he was younger and his work at the magazine *Retrato do Brasil*, a project that “seeks a popular communication to Brazil”.

**Keywords:** Raimundo Pereira; journalist; *Opinião*; *Movimento*; *Retrato do Brasil*.

Em tempos de grandes mudanças no jornalismo, Raimundo Rodrigues Pereira mantém, aos 73 anos, a essência do bom profissional: é inquieto, desafiador, inovador, atuante. Para ele, jornalismo não é tecnologia, mas também considera que não é possível fazer um bom jornalismo sem bons recursos. Neste depoimento, Pereira fala das influências que teve durante toda a vida, da infância em Pernambuco aos movimentos estudantis na juventude, até chegar ao jornalismo, profissão que abraçou por acaso e que o acompanha há cinquenta anos. Também fala dos seus ideais, do desejo de fazer política, do fazer o jornalismo ontem, quando estava à frente dos jornais *Opinião* e *Movimento*, e hoje, na revista *Retrato do Brasil*. Seu depoimento é importante e raro, sobretudo para as novas gerações.



Divulgação.

## SER JORNALISTA AOS 73 ANOS

Eu gosto de trabalhar e estou me dando bem nesse estágio. Com 73 anos, você não tem a energia que tinha lá atrás. Não é a profissão dos sonhos, porque sonhos você tem diversos, mas eu acho que você não constrói, não planeja e apenas faz o seu futuro. O futuro vai acontecendo, fruto de várias influências. Não é como o lema da cidade de São Paulo, *Non Ducor, Duco*<sup>1</sup>, a vida é mais pelo samba “Deixa a vida me levar”<sup>2</sup>, então você vai se ajeitando e eu, por enquanto, estou indo bem. Uma coisa que, em minha opinião, ajuda também, é que no jornalismo se aprende muita coisa. É uma profissão muito difícil, tem que jogar de um lado pro outro, tratar de um assunto, de outro, não aprofunda muito. Mas, se você percebe esse problema na profissão, pode até dar um jeito de ir aprofundando, aprendendo algumas coisas. Aprende até que você vai morrer, faz parte. Aceitar isso, inclusive, é uma coisa difícil, mas você vai levando e aprendendo. E, para mim, tem dado certo.

## INFLUÊNCIAS NORDESTINAS

Uma pessoa que nasce no sertão de Pernambuco (na cidade de Exu) carrega algumas coisas. Algumas muito boas, pois o fato de ser da terra de Luiz Gonzaga é genial. Quando eu ouço músicas do pé de serra, me lembro dessas origens. Até do ponto de vista político, são origens interessantes. Eu tive um amigo, que já morreu, o Miguel Arraes, que era do lado de lá da serra, Ceará, e eu sou do lado de cá, Exu. Ele explicou que a Serra do Araripe, uma formação muito bonita – hoje um pouco devastada –, você vai chegando perto, e vê aquela chapada imensa, à distância, um platô alto, tinha muito pequizeiro em cima, e isso talvez tenha inspirado muitas festas do pequi. E é interessante porque do lado de lá tem um pessoal que foi precursor da república, combateram a monarquia. Uma parenta do Arraes, a Bárbara Alencar, foi punida, presa pela monarquia; um irmão dela traiu a causa, e foi barão de Exu, passou para o lado da monarquia. O Arraes, por outro lado, é

1. Frase em latim que está no brasão da cidade de São Paulo. Significa “não sou conduzido, conduzo”.

2. Samba de Serginho Meriti e Eri do Cais, gravado em 2002 por Zeca Pagodinho.

um símbolo desse movimento de resistência nacional, e a tentativa de juntar isso com um movimento popular nos traz coisas positivas. Por outro lado, a cultura nordestina é muito conservadora em vários aspectos; um machismo muito grande, a necessidade de se vingar dos crimes de família. Eu tive parentes, primos, que vieram de lá, não sei se vieram comigo ou nasceram aqui, filhos de tios meus, que viraram pistoleiros no Mato Grosso. Pistoleiros profissionais, contratados, de trazer a orelha do sujeito como prova de que tinha cumprido o trato. Eu tenho uma cultura machista também, grande. Vivi no interior muito tempo, e as pequenas cidades não são ambientes muito abertos. Também tive influência evangélica, com uns 10, 12 anos. Acho que durante uns 15 dias eu cheguei a fazer parte da Assembleia de Deus. Saí porque era obrigado a parar de jogar futebol e eu gostava demais (queria ser profissional e não consegui). Em 1960, eu votei no Jânio Quadros, que era o candidato da direita.

## A EXPULSÃO DO ITA E A APROXIMAÇÃO COM O JORNALISMO

Minha família veio para o interior de São Paulo, ali perto do Mato Grosso, região da Alta Paulista<sup>3</sup>, no início dos anos 1960. Tempos depois, fui para São Paulo fazer o vestibular e entrei no ITA<sup>4</sup>. E o fato de eu entrar na escola em um ambiente já de movimento estudantil efervescente, com o pessoal do ITA, que era dentro de um centro militar, tentando filiar a escola à UNE<sup>5</sup>, isso era um fator de politização. Até hoje tenho amigos dessa turma, que foram expulsos comigo<sup>6</sup>. Tive essa influência do pessoal do movimento estudantil, progressista, em São Paulo, em São José dos Campos. Depois casei com uma mulher muito combativa, a Sizue<sup>7</sup>, e ou a gente se acertava ou essa minha cultura machista atrapalhava. Eu tenho quatro filhas, além de algumas meninas que fazem parte da turma até hoje. A minha casa é um covil de mulheres.

Eu comecei no jornalismo por acaso, porque saí da escola sem me formar e não tinha profissão; um amigo me achou um emprego de jornalista, porque antes eu fazia jornalismo estudantil, e ele trabalhava numa revista técnica. Eu fui trabalhar com ele, depois entrei na revista técnica da (editora) Abril, a *Máquinas e Metais*. Encontrei um bando de jornalistas, me dei bem, fiz novas amizades com pessoas que trabalhavam no jornal *O Dia*, um diário que tinha aqui em São Paulo, depois fui para a *Folha da Tarde*, onde fui editor, fiz uns freelancers para a revista *Realidade*, fiz amigos lá também. Em 1968, surgiu a revista *Veja*, onde fui editor de ciência. No início, a *Veja* saiu vendendo muito, depois afundou e não achava uma fórmula. O Mino Carta acreditou no meu trabalho, foi me promovendo e acabei virando editor de política, um dos cargos principais da revista. Quando saí, o (Elio) Gaspari ficou no meu lugar; ele era da minha equipe e virou um dos grandes jornalistas do país. Foi um conjunto de acasos que acabou dando nisso.

3. A Alta Paulista é uma antiga região ferroviária do estado de São Paulo, tradicionalmente conhecida como a faixa de terras por onde passava o traçado do Tronco Oeste da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. As cidades mais populosas da região são, segundo o censo 2010 do IBGE, Marília, Tupã, Dracena, Garça, Adamantina, Osvaldo Cruz, Bastos, Junqueirópolis, Panorama e Tupi Paulista.

4. Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos.

5. União Nacional dos Estudantes.

6. Raimundo Pereira foi expulso do quinto ano de Engenharia Aeronáutica do ITA, em 1964. Na época, após o golpe militar, foram expulsos 12 alunos.

7. O jornalista casou-se em 1965 com a socióloga Sizue Imanishi.

Depois, na equipe do jornal *Opinião*<sup>8</sup> tinha muita gente boa, militantes como o Tônico Ferreira, que era da esquerda revolucionária da época, que foi secretário do *Opinião*, do *Movimento*, trabalhamos muitos anos juntos, e agora está na Rede Globo. O editor de economia seria o Aloizio Biondi, um grande amigo meu, mas ele não pôde. Tinha o Marcos Gomes, um jovem estudante que tinha sido preso pela ditadura, era do movimento estudantil e acabou se tornando editor de economia. Eu o formei como jornalista, ensinei algumas coisas, porque ele sabia escrever, mas jornalismo tem um certo truque. Politicamente, era um cara muito bom, nos ajudou muito na briga para sair o *Opinião*, a fundar o *Movimento*, ele tinha ideias muito boas, do ponto de vista político, era um grande quadro político, e é meu amigo até hoje. Depois eu vim para cá, achei amigos também ótimos, o Sérgio Motta me ajudou muito, a turma do *Movimento*, né? Ajudou a contabilidade, a gestão, o ânimo. Sérgio Motta era um trator, excepcional. E depois o Eduardo Pereira, o maior intelectual que eu conheci, jornalista excepcional. Tudo isso foi me influenciando.

## O DESEJO DE FAZER POLÍTICA

Eu tentei fazer política, porque achava que política era melhor do que jornalismo. Ainda acho, em tese, socialmente mais relevante. Tentei entrar no PC do B e não deu certo, por minha culpa, porque política é muito sério. E, quando eu percebi, tinha uma situação em que eu devia ter sido mais esperto, estar mais preparado, e não estava. Eu pus um pé na porta, percebi que não era o que eu estava imaginando. Chegaram até a anunciar no jornal do sindicato que eu estava largando o jornalismo para fazer política. O José Hamilton Ribeiro fez uma capa do jornal do sindicato contando isso. Mas não deu certo. Mas isso não me deixou mágoa, porque a vida não é como alguns pensam, que você pode viver várias vidas. Eu não acredito. Viveu a vida e já está bom. Você vai fazendo e chega a certa altura que tem que ver as suas limitações. Por exemplo: eu não era totalmente ruim em futebol. Mas ganhar a vida jogando futebol, para mim, não dava, principalmente se eu tentasse fazer isso agora. Não tem a menor condição. Às vezes eu vejo um campo de futebol e me dá uma saudade, porque as coisas da infância são muito fortes. Não resolvo entrar na política agora porque estou, como diria o Frank Sinatra em “My Way”, o espetáculo vai se encerrar, você já aprendeu muitas coisas, portanto, não faça muita besteira. É como um velhinho que de repente se acha jovem e sai atrás das meninas. Ele tem que perceber que a situação é outra. E o jornalismo me possibilita continuar fazendo coisas, nós temos a equipe aqui no *Retrato*, que é boa, tem gente de trinta anos de trabalho juntos.

8. Em 1972, o jornalista foi fundador e editor do jornal *Opinião*, e, em 1975, do jornal *Movimento*, dois marcos do jornalismo alternativo brasileiro.

## RETRATO DO BRASIL

A empresa já tem 15 anos. Mas antes, há 27 anos, nós tentamos fazer um jornal diário com esse mesmo nome e foi um horror, um fracasso estrondoso. Tinha Mino Carta, Luiz Gonzaga Belluzzo, Fernando Morais, um monte de gente boa. Circulou por três meses e deixou um buraco de cinco milhões de dólares. Isso foi muito traumático, porque fizemos um projeto, tínhamos ideias muito interessantes, mas, como dizem os chineses, a prática é o critério da vaidade. Você tem uma ideia boa, mas na prática deu em nada, deu em uma dívida de milhões de dólares que ficamos anos para pagar. Foram anos com perspectiva de nos desmoralizar, porque também tínhamos dívidas trabalhistas. Nós só fechamos a empresa quando quitamos todas as dívidas trabalhistas. Negociamos com credores, o diabo. Depois fizemos um trabalho com alguns deputados, eu trabalhei com o Aldo Rebelo na comissão de análise do Plano Real. Ele era o presidente da comissão, eu o assessoriei, e alguns que trabalham conosco, como o Roberto Davis, um advogado gaúcho que hoje é presidente da nossa empresa (editora Manifesto) nos ajudaram. Esse trabalho é sobre voltar a fazer política, mas de outro jeito: fizemos uma análise do Plano Real, produzimos livretos para o Aldo, era uma comissão, e isso nos animou. Aprendemos muito, ajudou a compreender a conjuntura e, em 1998, resolvemos fundar a empresa. E, do ponto de vista empresarial, hoje sabemos muito mais. A editora Manifesto não tem dívidas. Bem verdade que ninguém nos empresta dinheiro com juros barato, mas estamos bem. Nós passamos por quatro fases; na primeira fase, curta, a revista era só internet; depois, fizemos a revista reportagem; suspendemos a revista para fazer o balanço da ditadura, o *Retrato do Brasil*. Reeditamos uma obra que eu, Belluzzo e Mino tínhamos feito em 1985, e fizemos uma segunda edição, vinte anos depois, e relançamos a revista mensal, que já está com seis anos. Agora estamos planejando, para essa metade de 2014, unificar os nossos negócios e lançar novos projetos, alavancando o número de assinantes. Vamos começar a anunciar esse projeto com certa plataforma político-cultural. Dez mil assinantes que nos deem 150 reais por mês, mais um grupo de assinantes especiais que deem um pouco mais, são suficientes para sustentar um projeto profissional, de umas 12, 15 pessoas. Minha equipe hoje tem dez, mas estou querendo colocar mais uns quatro, seis jovens, porque os velhinhos vão tendo prazo de validade.

## FAZER JORNALISMO HOJE

As pessoas pensam que jornalismo é tecnologia, principalmente agora, que ficam consultando iPad o tempo todo. Eu falei em um evento recentemente que eu tinha 73 anos, e um repórter da *Folha* esteve lá e colocou que eu tenho 78 anos. Ele não gravou, não anotou direito, e depois formou uma ideia de que eu estava exagerando na idade ou, sei lá, que a minha idade era muito grande, porque eu estava querendo comprar briga com o Gilmar Mendes, que

era bem mais novo. Então ele disse que eu desafiei o Gilmar Mendes para uma briga. Eu nunca desafiei ninguém; eu tenho um irmão que gostava de brigar, eu briguei pouquíssimas vezes. Além de publicar a idade errada, o repórter colocou uma frase que eu não falei, eu não desafiei o Gilmar Mendes para briga, eu o desafiei para, eventualmente, se ele não gostasse do que eu falasse, que me processasse. E eu estava falando como mais velho, porque penso que o mais velho tem certa liberdade. Muita gente associa velhice à sabedoria, e não é verdade. Tem velhinho estúpido, como tem criança sabida.

## O CONTROLE NO JORNALISMO ATUAL

Tivemos ameaças de processos. Na época da ditadura, tivemos inquéritos, fui preso por pouco tempo. Como era uma figura conhecida, editor do *Opinião*, do *Movimento*, conhecido nacional e internacionalmente, eles tinham certo cuidado. Eu tinha que ir lá depor, umas coisas ridículas, como ter censor na redação, ou o cara te pegar com violência na gráfica e levar para a Polícia Federal, isso aconteceu comigo e com outros companheiros. Hoje o controle é mais econômico mesmo, baseado um pouco assim, no fundo, na ignorância popular. Porque o jornalismo ajuda a manter o baixo nível de consciência política de organização do povo. Muita gente não percebe isso, muita gente não vê a necessidade, muitos políticos e jornalistas do campo popular. Eles pensam que é fazer o que todos fazem, tem uma manada do lado de lá e uma manada do lado de cá. Pode funcionar para certos efeitos, mas a longo prazo não. Você tem que perceber essas relações. O ressurgimento do jornalismo contra-hegemônico é uma conjuntura da luta pelo socialismo, eu acho. Porque o fracasso da União Soviética foi uma coisa estrondosa, repercutiu enormemente. Deu a ideia de que o liberalismo era vitorioso e acabou-se a história. Mas não é bem assim. Eu estive na China há dez anos e, para mim, que sou maoísta de velhos carnavais, a mudança que ocorreu naquela época foi muito grande. Os chineses têm uma perspectiva de muito longo prazo, e acho que estão certos. Hoje não é só falar de socialismo, é falar também das experiências decorrentes do socialismo, tem que falar da China, tem que entender o que está acontecendo lá, que não se tornou a segunda potência mundial de graça. Isso também nos ajudou, porque essa turma que está conosco sempre foi crítica, somos tão críticos da intervenção dos Estados Unidos no Oriente Médio agora como fomos críticos da intervenção da União Soviética no Afeganistão, que criou o gancho para os americanos fazerem o que fizeram no Afeganistão, para armarem um cara como o Bin Laden.

## O FUTURO DO JORNALISMO

O jornalismo tem futuro. Toda pessoa pode ser um jornalista. Você vê e transmite coisas, gosta de contar o que viu. E toda notícia tem um ponto de

vista, um ponto de vista é uma pessoa. Se for mais sofisticado é um partido, uma classe social, que tem diversos pontos de vista. Uma câmera, por exemplo, é um negócio interessante para o jornalista. Outro dia fizemos uma matéria aqui, citando um jornalista da BBC, que fez um trabalho muito interessante sobre as manifestações. Ele, em um blog, que estava transmitindo ao vivo, e a câmera. Eu gosto muito de reportagem, então eu sei a dificuldade de fazer uma reportagem, principalmente uma coisa assim, viva, que você está vendo, tentando interpretar, e tal. E eu sou muito ansioso. São instrumentos que te disciplinam, é bom gravar, registrar os momentos, para checar aquilo que aconteceu. Para a profissão estão tendo avanços, o sujeito não pode achar que aparência é a verdade, as imagens também enganam. Você olha uma coisa e pode se enganar por suas próprias condições. Eu acho que a democratização do jornalismo não é isso que estão dizendo, porque nós sempre vimos. Se você não tem recursos materiais, você não faz bom jornalismo. Eu polemizo com muita gente por isso, mas falo que em padrão de jornalismo, um dos melhores, do ponto de vista técnico, é o jornal *O Estado de S.Paulo*. Com um conjunto de editorialistas muito competentes, de gente que sabe escrever, sabe português. Esse pessoal tem um padrão porque tem muita grana. Os editoriais e semieditoriais da página três são um primor. De ideias contra nós, mas de coisas bem-feitas. Eu tenho amigos que trabalham lá, que são profissionais, que fazem a coisa certa. Se é para fazer um artigo sobre Jesus Cristo, é contra ou a favor? É contra, então me dá aqui os dados que eu faço. O cara sabe fazer aquilo ali e, quando ele faz bem, não mente no detalhe.

## A IMPRENSA POPULAR

A imprensa popular está vivendo no Brasil uma fase de precisar de recursos para fazer uma coisa de qualidade, para atrair mais gente, porque não é só boa vontade. Porque precisamos sair do gueto. Nós, de certa maneira, estamos tentando organizar a empresa para ver se mais pessoas gostam do que escrevemos e também da posição que temos. Porque você oferece um produto de qualidade. Certo jornalismo militante esqueceu isso, o jornalismo militante que eu sonhei numa época fazer. Alguns fatos que corroboram isso eu vi depois que tive a ideia de entrar no partido. Um jornalismo revolucionário, como o jornal feito pelo partido revolucionário de Lênin. Trotski e Stálin eram figuras totalmente distintas, de personalidades e histórias diferentes; mas, quando eles viram esse jornal, o Trotski estava na Sibéria, com um ou dois filhos pequenos. Largou a família e correu; ali estava a centelha. O Stálin, por sua vez, viu que ali era o caminho, uma coisa de alta qualidade política, filosófica, técnica, ou seja, estudavam para fazer um jornal de outra natureza; não estou falando de um jornal e uma revista como a nossa, popular, muito mais simples, de certa maneira. Eu, por causa da formação do ITA, passei por essas áreas técnicas. Tem inúmeras revistas técnicas e científicas de altíssima qualidade. Mas a cultura

tem essas diferenças, tem que ter um trabalho de popularização, então ter um jornalismo popular. Nesse bom sentido, tem futuro, e muito.

## REFERÊNCIAS

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; GONÇALVES, Maria Cristina Oliveira. **O jornalismo radical de Raimundo Rodrigues Pereira**. Texto apresentado no GT Mídia Alternativa, no VI Congresso Nacional de História da Mídia. UFF, Rio de Janeiro, 2008.